

A REDEMPCÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor+chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I

REDACÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 18 de Agosto de 1837

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 63

EXPEDIENTE

E' nosso agente em toda provincia o sr. F. d'Almeida Garrett.

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIÃO.

A REDEMPCÃO

S. PAULO, 18 DE JUNHO DE 1837.

O ministerio e a regencia

Orando no senado sobre o orçamento do ministerio da justiça, o honrado senador o sr. Leão Velloso requereu que fossem dadas ao senado, copias das peças que instruíram o recurso de graças, provido em favor de Gustavo Adolpho Cordeiro de Sá.

Os ministros são responsáveis, porque se o não fossem, inexplicavel era a disposição do art. 124, que compõe a regencia provisoria de dous ministros, dous conselheiros de estado e da imperatriz.

Os ministros são responsáveis, porque, sendo a execução distincta da deliberação, não salta ao ministro a ordem escrita ou verbal do imperador (art. 135) (apoiados).

Digne-se ler a serenissima princeza regente, as considerações com que este insuspeito monarchista terminou o seu discurso:

«Sr. presidente, eu combato a doutrina da irresponsabilidade com toda convicção de um verdadeiro monarchista. Ella compromette a corôa e o povo, e só aproveita aos ministros. Conscios de que

mesmo titulo está reunido o que diz respeito ao poder moderador, ao executivo, á familia imperial, á regencia, aos conselheiros de estado e aos ministros. Porque reservo a Constituição um titulo especial para cada poder, ao passo que em um só titulo se occupou com todos esses assumptos a que me referi? E' porque na doutrina da Constituição são os ministros os executores unicos e reconhecidos pela lei. (Apoiados).

Seria esquecimento? Não é possível comprehendel-o. A Constituição não poderia esquecer-se de designar executores e peccias para as deliberações do poder moderador se quizesse que taes executores se creassem. Portanto, segundo a doutrina da Constituição, só são executores das deliberações do poder moderador os ministros de estado.

De duas uma: ou esses actos são do poder executivo, e então como todo o poder é livre e independente, os ministros têm o direito de recusar-lhes a sua assignatura; ou não são do executivo, e então resulta o absurdo de um poder independente estar sujeito a outro poder. (Apoiados).

Os ministros são responsáveis, porque o art. 103 da Constituição impoz ao imperador obrigações legais no juramento que deve prestar, e não ha obrigação legal sem sanção legal. Os ministros são responsáveis, porque todos os poderes são delegações da nação (apoiados), toda a delegação tem uma forma determinada pela lei, e toda a forma não pôde ser violada. Os ministros são responsáveis, porque não ha equilibrio sem harmonia, harmonia sem divisão, divisão sem espheras respectivas de acção e espheras sem represão (art. 173).

Os ministros são responsáveis, porque a doutrina constitucional a promulgação é distincta da sanção, e a promulgação é feita pelo ministro (arts. 69 e 70).

Os ministros são responsáveis, porque se o não fossem, inexplicavel era a disposição do art. 124, que compõe a regencia provisoria de dous ministros, dous conselheiros de estado e da imperatriz.

Os ministros são responsáveis, porque, sendo a execução distincta da deliberação, não salta ao ministro a ordem escrita ou verbal do imperador (art. 135) (apoiados).

Digne-se ler a serenissima princeza regente, as considerações com que este insuspeito monarchista terminou o seu discurso:

«Sr. presidente, eu combato a doutrina da irresponsabilidade com toda convicção de um verdadeiro monarchista. Ella compromette a corôa e o povo, e só aproveita aos ministros. Conscios de que

sem elles não é possível governar, e sendo por seu intermedio que as informações sobre os negocios do Estado chegam á realza, abusan do poder com a irresponsabilidade alheia; sacrificam a nação, que não tem garantias e fazem peccar a prerogativa real, porque a execução da responsabilidade é um impossível nos regimens como o nosso. Se os ministros a rejeitam, ella irá parar onde não pôde chegar.

Repito, pois, com a auctoridade de um publicista: os monarchas perdem a acção immediata sem ganhar a inviolabilidade, e os ministros, alargando convenientemente o manto com que se pretendem abrigar, e cahindo de erro em erro, aos amigos que se queixam e aos adversarios que os accusam, dizem para desculpar o que é obra sua, e fugir á merecida responsabilidade expondo a corôa: o imperador não quer! (Apoiados, muito bem, o orador é cumprimentado por todos os srs. deputados).

No anno anterior já Zacharias havia dito:

«O actual Imperador dos Francezes não se apoia na responsabilidade de seus ministros; mas a razão disso está no art. 5º da Constituição daquelle paiz, que declara o chefe de Estado responsavel perante o povo francez.»

A Constituição brasileira, diz no art. 99: «A pessoa do Imperador é inviolavel e sagrada.»

Elle não está sujeito á responsabilidade alguma.»

Procurando enfraquecer a auctoridade da monarchia, sustentando os reuhidos debates que assignalaram sua época em 1840, 1861, 1866 e 1868 em que ficou assentado, que o ministro que discorda da corôa está no direito de negar referenda ao acto, que exprime a sua opinião, e pedir demissão, e que aquelle que se substitui o omissor, assume a responsabilidade que o seu substituído não quiz aceitar, tenta o astuto barão, renovar uma discussão sobre o que já está discutido e julgado.

A perfidia do barão de Cotegipe, e a politica de terror com que procura constringer a princeza regente, fazendo-a compenetrar-se de que a sua successão, ao throno está duvidosa, ficará demonstrada, com actos do proprio barão de Cotegipe, ministro da marinha do gabinete de 16 de Julho e solidario com os seus feitos.

Referindo se ás causas da queda do gabinete de 3 de Agosto, escreveu o senador Zacharias, na Reforma, em 1872, as considerações que vem a proposito recordar á augusta princeza imperial: «Allegou-se na occasião um só motivo: a prerogativa da corôa.

Tratando-se da escolha de um senador pela provincia do Rio-Grande do Norte, escolhe a a corôa um cidadão infenso ao ministerio e que, além d'isso, entrara illegalmente na lista triplíce, como veio a reconhecer em devido tempo o senado annullando-lhe a carta imperial.

Por esses douts motivos o gabinete liberal negou-se a referendar a carta do senador escolhido e, insistindo a corôa na escolha, pediu o ministerio a sua demissão que lhe foi outorgada.

Disse-se então: «A escolha de senadores é attribuição do poder moderador delegado privativamente ao imperador como primeiro representante da nação e, portanto, o ministerio nada tinha que ver na escolha de senador pela provincia do Rio-Grande do Norte, porquanto, no exercicio d'esse poder, obra a corôa sem audiencia nem responsabilidade.»

Futil pretexto!

O governo acaba de declarar, em documentos solemnes, quaõ longe está o poder moderador de ser essa *noti me tangere*, que inculcam certos interpretes da Constituição, verdadeiros autores do governo pessoal, porque ha governo pessoal sempre que affasta-se dos actos da realza uma justa interferencia dos ministros e sua consequente responsabilidade.

Dos documentos, a que alludo, patentes-se que é licito ao ministerio não só solicitar da corôa, como verdadeiros meios de governo, medidas passageiras da alçada do poder moderador, mas constituir o uso de certas attribuições d'esse poder base e condição permanente de politica.

Refiro-me, por exemplo, ao art. 18 do tratado feito com o Paraguay para a entrega de criminosos e desertores que diz assim:

«As duas altas partes contratantes se obrigam tambem a não receber sciente e

ou ignorante em seu territorio indivíduos que desertarem do serviço militar de mar ou terra da outra. Os soldados e marinheiros desertores deverão ser presos e postos á disposição do respectivo governo.

«Cada uma das altas partes contratantes obriga-se, outro sim, a usar da maior clemencia possivel para com os indivíduos que lhe forem entregues, devendo, pelo menos, commutar o maximo da pena, em que tenham incorrido pela deserção, si esta fór punida com a pena capital, segundo a lei de seu paiz.»

Refiro-me ainda ao tratado de extradição entre o Brazil e o reino da Hespanha, que adopta o seguinte principio: «Os individuos accusados ou condemnados por crimes aos quaes, conforme a

legislação de sua nação corresponder a pena de morte, sómente serão entregues com a clausula de que essa pena lhes será commutada.»

Bis como os mestres do direito divino, que fazem do poder moderador um poder á parte e gyrando em esphera, onde nem de leve tocam os ministros e secretarios de estado, entram, ao que parece, sem sentir, por esta esphera e fazem combinações internacionaes, assegurando e compromettendo-se a tornar certo o uso de attribuições do poder moderador no sentido que os ministros julgam conveniente ao paiz!

D'esta arte a clemencia, essa a mais preciosa gemma, de que se adereca o poder moderador, sem ser desengastada da peça em que a Constituição collocou-a, presta-se bellamente ás vistas do governo e é obrigada a corôa a exercel-a de modo como estipulam as altas partes contratantes.

Não condemno as disposições d'esses tratados, antes defendel-as-hin, si houvesse mister. Compromettendo-se os governos a capturar os criminosos e desertores dos respectivos paizes, era duro que, em cima d'isso, os conduzissem por assim dizer á morte.

O que desejo provar com a citação é que o zelo da prerogativa não foi causa efficiente da mudança politica de 1868; porquanto está não só estipulado sinão ratificado por ministros que o monarcha seja *aclemente, justiciero e pio* e como deva sel-o.»

A tarefa do barão de Cotegipe é trazer todas as classes da sociedade divididas, e preocupadas em sua attenção, com questões que as attinjam em seus direitos, para que d'este fracucimento, a escravidão tire toda a sua força e possa prolongar mais dias de existencia.

Al é a razão porque o astuto

de que o senado não faz politica e portanto vinte votos de desconfiança que d'ahi partam, não levarão o ministerio a retirar-se do poder.

Contando com o apoio da camara temporaria, eleita pelo recrutamento de libeõs, pelos cercos de collegios, pelos attentados contra o poder judiciario, pelo sitio á mão armada dos tribunaes de justiça, pelos espancamentos e furtos de livros, e o homicidio pela força publica, espingardeando o povo, laureis vireutes da politica da esc. avilhão, não teme, que por ella seja decretada a sua responsabilidade para ser julgada pelo senado.

Toda a preocupação do chefe do ministerio, concentra-se pois, em restringir até onde puder as liberdades parlamentares da camara vitalicia, para evi-

FOLHETIM (63)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XVII

A resistencia de um homem livre

As diferentes attitudes das pessoas a quem acabava de se fazer esta communição seriam dignas do pincel d'um grande mestre. Rachel Halliday, que tinha abandonado uma fornada de biscoitos para ouvir o que se dizia, com as mãos enfarinhadas e levantadas ao céu, ficou como uma estatua com a noticia que acabava de ouvir; Simião parecia absorvido em profundas reflexões; Elisa havia enlaçado o marido com os braços, fixando sobre elle um olhar cheio d'angustia. Jorge estava de pé, com as mãos encrespadas, com os olhos chamejantes, entregue ás tumultuosas emoções que pode experimentar o homem, cuja mulher vae ser vendida em almôela, e o filho entregue a um traficante de carne humana, ao abrigo das leis d'uma nação christã!

— Que faremos, Jorge? diz Elisa, toda tremula.

— Sei o que me resta a fazer... diz Jorge, com ar sombrio.

Entrando no seu quarto, pôz-se a examinar as pistolas que tinha traziado consigo.

— Ai! ai! diz Phinéas a Simião, abandonando a cabeça; não vês, Simião, o que vae acontecer?

— Bem o vejo! diz Simião, suspirando, e peço a Deus que as cousas não cheguem a esse ponto!

— Não quero que ninguém se exponha por minha causa! diz Jorge. Se quizerem ter a bondade de me emprestar o seu carro, e de dar-nos alguns esclarecimentos, é tudo o que nos basta. Jim é forte como um Hercules, bravo como a desesperação e a morte, e eu mesmo...

— Está bom, esta bom, amigo; mas não podes passar sem um guia. Bater-te-has, se isso te fizer conta; porém eu tenho uma experienciinha do paiz, que tu não podes ter (1).

— Mas não quero causar-lhe algum embaraço.

— Causar-me embaraço, a mim! diz Phinéas, com uma expressão particular e ironica. Quando tu souberes que me causam embaraço, faz-me favor de m'o dizer!

— Phinéas é um homem prudente, e corajoso, diz Simião; não farias mal; Jorge, de seguir os seus conselhos, e ajunta elle, pondo amigavelmente a mão sobre o hombro do joven escravo, e apontando para as pistolas, nada de precipitação, os rapazes tem o sangue demasiado vivo!

— Não atacarei ninguém, respondeo Jorge; o que peço é que me deixem sahir d'este paiz. Mas se a isso se opposerem...

(1) E' necessario não esquecer, lendo isto, que os Quakers, ou Amigos, são suppostos á guerra, e recusam defender-se pela força, quando são atacados.

Parou, sua fronte annuviou-se, suas feições contractaram-se, proseguindo depois:

— Tenho uma irmã que foi vendida n'esse mercado da Nova-Orléans: sei para que uso as compram... E poderei eu vê-los tranquillamente roubar-me minha mulher para a votar á infamia, quando Deus me deo um braço vigoroso para a defender? Não; Deus será por mim!... Derramarei até á ultima pinga do meu sangue antes de deixar que me arranquem minha mulher, e meu filho! Poderá por ventura achar mal que assim pratique?

— O homem mortal não pôde censurar-te, amigo; a carne, e o sangue não podem obrar d'outro modo, bem o sei, diz Simião. Ai do mundo, por causa dos seus escandalos! mas ai tambem d'aquelle por causa de quem o escandalo acontece!

— Não farieis vós outro tanto no meu logar?

— Peço a Deus que affaste de mim a tentação, responde elle, a carne é fraca!

— Parece-me que a minha carne seria soffrivelmente forte n'um semelhante caso! diz Phinéas, estendendo dois braços, parecidos com as velas d'um moinho de vento. Julgo, amigo Jorge, que talvez me possa encarregar d'um d'esses sujeitos, no caso que tenha a tratar com elles!

— Se o homem devesse alguma vez resistir ao malvado, replicou Simião, Jorge poderia achar-se n'esse caso. Mas os conductores do nosso povo ensinam-nos um melhor caminho, porque a corôa do homem não preenche a justiça de Deus; porém confesso que é duro para o

fraco coração do homem ser exposto a uma tal prova, sem a protecção lá de cima! E' por isso que devemos continuar a pedir ao Senhor que nos livre das tentações.

— E' o que eu faço, diz Phinéas; mas se a tentação fór demasiado forte?... adeus! tanto peor para os tentadores!

— Bem se vê que tu não nasceste quaker, amigo! diz Simião, sorrindo; a velha natureza não pode ainda callar-se!

Com effeito, Phinéas tinha sido durante muito tempo um verdadeiro habitante dos bosques, um forte e vigoroso caçador; mas tendo-se apaixonado por uma linda quakeresa, vio-se obrigado, por seus encantos, a affiliar-se na sociedade dos «Amigos». Posto que fosse um membro honrado, sóbrio e activo, d'uma conducta irreprehensivel, os mais devotos da seita achavam-lhe uma ausencia completa de desenvolvimento espirital.

— O amigo Phinéas tem o seu modo de vêr particular, diz Rachel, sorrindo; mas estamos todos bem persuadidos que o coração é excellente.

— Não seria bom por ventura apressar a nossa partida? diz Jorge.

— Levantem-se ás quatro horas, e vim a toda a brida. Temos ao menos duas ou tres horas d'avanco sobre elles, se seguirem o seu plano. Em todo o caso, seria perigoso partir antes da noite; ha, qua aldeias por onde devemos passar, gentes mal intencionadas, que seriam talvez capazes de nos trahir, se nos vissem; porém, dentro de duas horas, parece-me que poderemos partir sem receio.

Vou a casa de Miguel Cross pedir-lhe que nos siga, e de vigiar sobre o caminho, affim de nos avisar, se formos perse-

guidos. Miguel tem um cavallo que nenhum o iguala em ligeireza; vou tambem dizer a Jim, e á velha do estarem promptos, e de terem cuidado que os cavallos o estejam igualmente. Temos um bom avanço sobre elles, e poder-mos chegar á proxima estação antes que comecem a perseguir-nos. Por tanto, amigo Jorge, cobra animo que não é o primeiro caso d'esta especie em que eu me acho com os da tua raça! diz Phinéas, fechando a porta.

— Phinéas é um homem de recursos, diz Simião; fará por ti tudo o que fór possível, Jorge!

— O que mais me atormenta, diz Jorge, é o perigo a que os exponho por minha causa!

— Não falles mais n'isso, amigo; fazemos o que a nossa consciencia nos obriga a fazer, e não podemos obrar d'outro modo. Agora, mãe, diz elle, dirigindo-se a Rachel, avia os teus preparativos, porque não queremos que estes amigos partam sem comer nada.

No entanto que Rachel, e seus filhos faziam coser no forno os seus bôlos, o presunto e as gallinhas e preparavam todos os accessorios d'esta refeição da tarde, Jorge e sua mulher, sós no seu quarto, fallavam, e abraçavam-se, como fariam aquelles que, d'um momento para outro, receiassem ser separados para sempre.

— Elisa, dizia Jorge, os que têm amigos, casas, terras e dinheiro, não podem amar mais de que eu te amo, que não tenho outra fortuna senão a ti.

(Continúa)

tar assim a denuncia á nação de seus excessos, usurpações e tyrannias.

No intuito de alliviar a carga da camara temporaria, submissa em apoiar tudo o que partir do governo, quer agora o astuto barão tolher a discussão dos actos do poder moderador, para á sombra da inviolabilidade pessoal do seo representante esconder a responsabilidade dos ministros, que é a sua salvaguarda.

Prseguindo na ominosa tarefa de desorganisação conducente á anarchia e do cahos a revolução, pode-se dizer agora em relação no actual gabinete o que o barão de Cotegipe affirmava em 1879. O ministerio subindo ao poder, só logrou um intento: tudo veio transtornar!

F. C.

Os republicanos querem mudar tudo

Quando o Christo, que era o proprio Deus incarnado, veio pregar ao mundo, affirmou mais de uma vez, que não vinha acabar com a antiga lei, mas amplial-a.

Os republicanos, porém, não querem nada do que é antigo, muito embora seja bom.

Elles querem reduzir tudo isto a um cahos, para dos destroços formar uma nova ordem de cousas.

Julgáram alguns que declamamos unicamente para guerrear esse partido.

Não, senhor.

Nós affirmamos a verdade dos factos. Vão os nossos leitores á rua de S. Bento n. 59, no estabelecimento republicano, denominado — Anthartica seaulista — e verão o seguinte :

Dentro de uma vitrina, onde está Peripto—*Novidades literarias*—encontrareis paços, salames, japones, linguções, presuntos e tripas ensopadas. Consta-nos que o eminente republicano Carmillo, vai fundar uma livraria e então teremos de ver nas vitrinas, onde devem estar como algumas obras importantissimas, as *Farpas, Comedia dos deuses, Democracia moderna*, e muitos outros livros de *erudição*, o seguinte rotulo :

Novidades porcassicas, linguçarias e presunticias.

Estes republicanos atrapalham tudo.

Daqui ha dias, elles chamarão nariz, de bombo; pescoço, de costelleta; orolhas, de abanos; bocca, do que, senhor?

bolas!

O perereca-espectro

Vimos, empoleirada em uma *nogueira* uma *perereca*, que de um dos ramos gesticulava patheticamente e com enthusiasmo.

Passando o espirito de um homem que em testamento libertou 12 escravos que foram de novo roubados em sua liberdade, perguntou :

—O' perereca, que fazes ahí empoleirada?

—Respondeu ella : Fallo á regente, fallo ás massas, que o Brazil está á beira de um volcão, e que eu me acho no caso de salvar o.

—Ah! ah! ah! Que idiota! Pois você, louco varrido, como tal tido e havido; você que ora é monarchista., ora republicano e ora não tem politica; você que é abolicionista no começo de teu discurso, e acaba-o esconjurando os abolicionistas, chamando-os de maltrapilhos...

Ah! ah! ah! ah!

Pois você quer salvar o paiz?

Vá bugiar ou pentear macacos.

Você, o que devia fazer de preferencia era salvar a tua bola de cahir sob a protecção do governo no hospicio de alienados.

Se, empoleirada nesse ramo, Perereca, continuas a empear o ambiente da nogueira, ficas certa que o furacão abolicionista, que se levanta no horizonte, ha de envolver-te e reduzir-te a pó de traque.

Fica sabendo que os petroleiros, os ladrões, os estellionatarios, são aquelles que, á sombra de uma religião qualquer, escravizam homens livres, appossam-se da fortuna dos parentes e expõem a propria familia ás scenas mais revoltantes contra a moral e contra a civilisação.

—E o espirito, tomado de asco, retirou-se

—O homem que externa as suas idéas a favor da abolição, dizendo que a *escravidão não é uma propriedade* e que a *razão e o direito protestam sempre contra a sua existencia*; e logo em seguida, lastimando-se, diz : *os escravos açulados pelos maltrapilhos, não querem trabalhar e fogem*

em massa. *Especuladores que nada tem, dão, allugam, distribuem escravos aos olhos da policia.*

Esse homem não é nem abolicionista, nem escravocrata; será um pseudo-abolicionista e pseudo escravocrata : será tudo enfim, menos um ente *definitivo*.

Ora, o palacio da rua do Hospicio foi feito justamente para os seres *indefinitivos*, e não sabemos o que faz a policia que não agarra nesse espectro, que não só assusta as crianças nas ruas, mas até faz callafrios na sociedade brasileira, e não obriga-o a ir occupar o seu logar reservado no referido palacio.

Com razão affirma elle que não temos policia e garantias.

Anda, meu Perereca, vae ver se encontras as ingenuas que fugiram; e se não evoque algum *espirito*, transforme-o um capitão do matto e dê caça nellas.

Pobre espirito! Como está *obsedado!*

Jacarehy

Folgamos de prazer, porque na cidade, onde outr'ora uma malta de individuos pôz para fóra dous cidadãos inermes, por quererem plantar a arvore da abolição naquelles ermos, hoje, o povo, comprehendendo que nenhuma felicidade pôde vir a um logar, a não ter ella por base a liberdade, creou um grupo de homens valentes e destemidos para protejer os infelizes escravos que são innocentemente transportados de outras provincias para a nossa.

Estamos contentissimos e só nos resta applaudir esses heróes que vão dar a Jacarehy, um nome que nunca teve.

E' preciso não esmorecer no caminho da abolição.

E' preciso acabar de vez com essa raça maldita, chamada capitães do matto, miseraveis vagabundos, que vivem das lagrimas dos desgraçados.

O segredo, companheiros, é a chave de tudo.

Reunam-se secretamente, deliberem, façam e tudo sahirá perfeito.

Si ha mais tempo, nas cidades do interior, se organisassem grupos valentes e destimidos, como actualmente tem a cidade de Jacarehy, já não existi-

—Nos abolicionistas costumamos pres... por tomada de cheiro.

Cada um de nossos companheiros é um heróe, capaz de perder a vida pela santa causa, que abraçamos.

Nós sabemos perfeitamente separar o joio do trigo.

Nem todos os que se dizem abolicionistas, são para nós companheiros.

E' preciso que deem prova de muita dedicacão, que exponham a sua vida pela grande causa da liberdade, para merecer o nome de companheiro.

O segredo tem sido a alma do nosso trabalho.

A união tem sido a nossa força.

Contem, esses heróes de Jacarehy, com o nosso apoio nesta capital.

Não pôde haver gloria sem martyrio. Se alguém no caminho que trilhou perder a vida, consolem-se os outros, porque quem trabalha por uma causa grande e nobre, não morre. A morte é para os patifes e inuteis.

Orientação abolicionista

IV

O tom que demos no nosso penultimo artigo, podia parecer aos escravagistas que foi produzido por um sentimento revolucionario.

O titulo desses nossos artigos não pôde justificar esse sentimento, porque temos ainda esperanca de que pela evocão natural das idéas abolicionistas se resolva a questã do elemento servil.

A revolução só se justifica quando a pressão é grande; porém o escravagismo já está vencido, já foge covardemente, já teme a propria sombra — vive amedrontado durante o dia e assombrado durante a noite.

O escravagismo, forçado pelo medo, já tem feito concessões e constantemente de mais em mais, suppondo contentar nos.

Não precisamos de concessões, não queremos medidas palliativas e morosas que só servem para augmentar a agonia da escravidão e o desalento da mãe patria.

Ha oito mezes diziamos : Somos nós

quem fazemos concessões aos escravagistas; mas, desde já, declaramos que só no interesse de nossa patria e em bem dos escravizados, é que estabeleceremos o contracto de prestação de serviços, por espaço de tres annos, mediante salario.

Depois das considerações de REI-LOTOR, nos seus artigos *Evolucionismo*, comprehendemos que nós abolicionistas não devemos pedir pouco, para não deixar os escravocratas suporem que estamos transigindo.

Não!

Agora não procuramos mais vencer aos nossos adversarios que elles podiam ter ainda em seu favor o serviço dos contratados por lei, por espaço de tres annos, mediante pequeno salario.

Convencel-os que cada homem podendo produzir mais do que consome; produzindo um terço ou o duplo do que naturalmente deve consumir, em tres annos podiam com economia e methodo reerguer o capital primitivo.

Convencel-os que nesses tres annos podiam ir substituindo o trabalho dos contractos por lei, pelo trabalho dos livres contractados.

Não quizeram attender ao nosso apello; e querem eternisar a escravidão: passaremos para o campo da reacção!

Já tem sido demonstrado sufficientemente que o trabalho do braço livre é mais barato e mais rendoso que o trabalho do braço escravo. São demonstrações mathematicas que temos visto e elaboradas em factos positivos.

Nós estamos firmes no nosso posto. Não declaramos guerra aos que declaram livres desde já todos os seus escravizados, ainda que sujeitos a um contracto que estabeleça a prestação de serviços por dous annos e meio no maximo.

Porém, queremos declarar livres todos os escravizados, no dia 14 de Julho de 1889, sem a lei dos contractos, caso não nos seja possível antes daquella data a abolição geral.

Não aconselharemos aos contractados que faltem a fé dos contractos; porém, nada concederemos aos que não liberaram espontaneamente os seus escravizados.

A todos os escravizados que ainda existirem no Brazil, concederemos liberdade completa, sem indemnisação e sem condição de serviços.

GALNEL

Liberdade daquella moda!

Todos os dias, com o titulo de movimento abolicionista, publicam os jornaes tanto do interior como desta Capital, liberdades, e mais liberdades que são conferidas pelos fazendeiros a seus escravos.

Quem de longe ler os jornaes desta provincia hade julgar que realmente é grande o movimento abolicionista, e nós porem que vemos estas cousas de perto, sabemos perfeitamente que esse movimento não passa de uma mera phantasmagoria.

O fazendeiro, com ar brutal, depois de tossir bastante e dár uma escarrada, perfila os miseros escravos, e promette-lhes liberdades se bem servirem por espaço de tres annos.

Outros uzando das mesmas formalidades promette-lhes liberdade por espaço de quatro annos.

Os jornaes do interior avidos de noticias, publicam logo os nomes desses individuos como benemeritos, e o jornaes desta Capital copiam sem o minimo criterio, essas noticias.

No entretanto, essas promessas nunca se hão de realizar porque quando finda o prazo estabelecido por essas pachás, não haverá um advogado que se anime a tomar o patrocinio dessas causas e nem um juiz que tenha aocragem de julgar á favor dos infelizes.

Se a promessa é liberdade, se realmente esses fazendeiros pretendem libertar os seus escravos porque não dão baixa nas collectorias, porque não averbam nos escriptorios dos tabellêzes essas liberdades?

Nós conhecemos perfeitamente o interior da provincia.

Sabemos quem são esses individuos denominados fazendeiros.

Sabemos a arrogancia com que elles tratam aquelles que são mais pobres do que elles e o desprezo com que elles olham para os miseros escravos.

A advocacia do interior não é mais do que a continuacão de um emprego de fazenda,

A justiça é uma chimera é á macaqueação da justiça.

A policia não é mais do que uma malta decapitados do matto a disposição dos fazendeiros.

Os juizes, quasi todos politicos, julgam pela vontade do seu chefes, porque se assim não fizerem, tem de perder o cargo que exercem

Como poderemos nós abolicionistas acreditar nessas promessas de liberdade quando não são ellas realisadas de conformidade com a lei?

Usaremos portanto de um dito popular!

São liberdades daquella moda!

Assassignatos em Jacutinga.

Lemos ha dias na *Provincia* um artigo do Sr. Antonio Manoel Gonçalves, explicando como seu genro e seu administrador se portaram em S. Antonio de Jacutinga. Esses dous portuguez e o Sr. Antonio Manoel Gonçalves, são tres pessoas incapazes de fazer mal a um mosquito.

O Sr. Antonio Manoel Gonçalves é rico por seu trabalho e todos os seus negocios sempre foram feitos com muita limpeza e honestidade.

Nenhuma viuva hoje chora miseria, ningu m ainda se prostituiu por sua causa; por tanto a explicação dada pelo Sr. Antonio Manoel Gonçalves é a ultima palavra sobre a questã.

Os portuguezes Carneiro e Luiz de Castro, nada fizeram.

Os escravos mataram-se uns aos outros julgando que estavam atacando os capitães do matto.

Agora justiça se faça a esses miliantes! O c'p do de tudo foi o tal patife que de Jacutinga se prestou a ser capitão de matto.

Daquella familia não se pôde esperar senão açções ruins.

E' gente propria, para tudo.

Meetings

Razão de mais têm os habitantes do Rio da Prata de denominarem a nós brasileiros de—Macacos.

Nesta terra, nada se faz por invenção. Tudo é copiado de outros paizes, até

perfeição como nos outros paizes.

Uma simples phantasmogoria ridicula, para, os estrangeiros que habitam este paiz.

Na Inglaterra, o povo faz os seus meetings, porem o que resolvem é adoptado pelo governo.

Se o governo não adopta ha uma revolução.

No Brazil, porem, macaqueia-se o meeting Vociferam os oradores, o povo grita—apoiado!

No fim de contas tanto os oradores como o povo, vão dormir, e o governo acostumado a ver esta macaqueação não dá importancia alguma a esses meetings p rque sabe perfeitamente que o povo brasileiro é um rebanho de carneiros prompto sempre a obdecer qualquer governo.

Os estadistas deste paiz, o que querem é governar para distribuir as rendas do paiz entre os seus parentes e amigos.

Ainda deve estar na memoria de todos, as arruaças que fizeram os abolicionistas da corte, por occasião do Ministerio Dantas

Parcia que a abolição ia resolver-se por meio da força, se o governo não resolvesse legalmente.

Cahe o Ministerio Dantas, os abolicionistas recolhem-se aos bastidores. Sobre Saraiva e de commum accordo com o Cotegipe, fazem uma lei de arrocho e os abolicionistas da corte deixam Dantas isolado.

Nem elle tinha quem o appoiasse quando no senado fallava contra a lei—Cotegipe—Saraiva.

As galerias desertas, offereciam o mais triste espectáculo do que é a opinião publica neste paiz.

Ainda ha bem pouco tempo nesta provincia, todos viram o barulho que fizeram os liberaes, creando uma resistencia nesse p rtido.

Até um directorio foi creado para derigir esse grupo.

Passam-se mezes, faz-se a creação de um club liberal, aluga-se uma casa na Rua da Imperatriz, arruma-se em uma das janellas, e um immenso páo de banleira e um escudo; os liberaes resistentes, receiosos que aquelle páo fosse uma alegoria ao pão de cebo, trataram

de unir-se aos antigos senhores e assim dissolvcu-se a resistencia liberal.

O povo brasileiro não tem idéas, não tem politica e nem patriotismo.

Essas reuniões são unicamente para fazer effeito no estrangeiro e encher as columnas dos jornaes, famintos de materia.

São especies de abaixo assignados promovidos na roça para elogiarem alguma auctoridade desmoralisada em que figuram como cidadãos, meninos de escola.

Vivemos na mais completa mascarada.

Cotegipe, velho, incanecido em todas as patifarias politicas, ri-se desses meetings porque sabe que elles não passam de scenas comicas.

Só daqui á cem annos, quando nova raça oriunda desses povos que actualmente colonisam este sertão denominado—Brazil, é que os meetings serão verdadeira manifestação da vontade popular.

Hoje, nós consideramos essas reuniões como espectaculos gratuitos, ou danças de mascarados ou cayapós em vespuras de festas do Divino Espirito-Santo.

O povo applaude, bate palmas, porque não é preciso tocar na bolça para assistir esses espectaculos.

Cada um quer apparecer; fazendo cada qual o seu discurso mais insolente, porque o povo hoje só applaude a insolencia.

E' o desejo de figurar neste paiz que tudo consome, tudo mata, tudo aniquila.

Somos contrarios a meetings desde que elles não são mais do que festas de macacos imitando paizes de homens.

Rio Novo

Ha tempos tivemos sciencia que os escravos que trabalhavam na fazenda ou sirtio do Dr. José Francisco de Paula Eduardo, não tinham sido matriculados.

A verdade é que tendo sido uma rapariga remittida para esta capital a fim de servir um genro daquelle doutor, tendo fugido ao serviço deste e tendo sido preza e posta no calabouço da penitenciaria, no tempo em que era delegado o Dr. Leite Moraes, notavel pela perseguição que moveu á raça negra e parda, esta mulher foi posta em liberdade porque não tinha sido matriculada.

Conectando o Dr. Jo é Fr. pode conseguir a l... que já estava no goso

Prefiriamos antes que o fundo de emancipação desse menos liberdades, mas que com o dinheiro se pagasse um jornal diario que publicasse a relação nominal de todos os escravos que foram matriculados na provincia.

Se o *Correio Paulistano* que enche o seu jornal com clichets annunciando remedios que não existem, se lembrasse de, na sua terceira e quarta pagina, publicar a relação da matricula do interior teria muito mais importancia e circulação e prestaria um grande serviço á causa da liberdade.

E' preciso que o *Correio* se convença que nós não acreditamos no seu escravagismo.

Para o *Correio* seria facil conseguir a publicação da matricula porque para obter tudo isso não depende de fazer as despesas que seria preciso nós fazermos.

Santa Branca

Tendo de mudar-se para Oeste da Provincia o sr. Manoel Antonio das Neves, libertou todos os seus escravos em numero de 7, com a condição de prestarem serviço por dous annos e o ultimo anno com o ordenado de cem mil reis annual.

CORRESPONDENCIAS

Mogy das Cruzes

Uff, sr. redactor! Caro custa ser-se correspondente, quando se precisa do trabalho diario para se viver. Só mesmo o amor da idéa que traduzirá a felicidade da patria, é que me faz enxugar o suor, lavar as mãos e descansar o meu carro, para lhe dar a ceseasas noticias que fluctuam na sociedade mogyana.

Sr. redactor, hoje eu estou um pouco inspirado, e attribuo o facto a re

Au Bon Diable

Enxovaes completos para collegiaes

Rua Direita, 49

SINITE PARVULUS VENIRE AD ME

AU BON DIABLE

Rayon especial de roupinhas para creanças

Sortimento colossal—UNICA DA PROVINCIA—Preços da importação

Au Bon Diable

Camisas, ceroulas e meias para creanças

Rua Direita, 49

cordar este mez, grandes acontecimentos da historia franceza, que abalarão o mundo inteiro, generalizando os seus effeitos por toda a parte.

V. S., melhor que eu, sabe as revoltas porque passaram as nações, depois da Revolução Franceza, em 1889. As monarchias por direito divino ou de nascimento, eclipsaram-se, dando lugar ás monarchias pela vontade do populo.

Além disso, outros muitos foram os effeitos da grande e civilisadora Revolução, como V. S. sabe.

Agora, porém, não é occasião azada para o assumpto, e por isso vou tratar do meu objectivo.

—Estou informado de que breve se organizará aqui uma reunião, á guisa de outros municípios, com o fim de se libertar todo municipio.

Oxalá se faça isso logo, para se mostrar á provincia de S. Paulo que Mogy das Cruzes, outr'ora Baggy, terra de Braz Cubas, tambem sabe ser humanitaria, e comprehende tambem como os ricos municípios os deveres da civilisação e os interesses da patria que se prendem ao trabalho livre.

A cultura da vide, que ora se desenvolve neste municipio é mais um incentivo para a suppressão do braço escravo, porque tendo uma cultura bastante remuneradora, ella compensará os prejuizos que porventura advenham com a sahida de braços do municipio. Isso mesmo é hypothetico.

De ordinario o liberto permanece, como eu, no logar onde nasceu e cresceu, e nesse caso os braços em vez de escassearem, aperfeiçoar-se-ão pela liberdade e pelo estímulo que nasce do trabalho remunerado.

Mãos á obra, mogyanos, libertae vossos escravos e mostraes que sois os altivos herdeiros do nome paulista.

Entre os propugnadores da idéa da reunião, falla-se que está o amigo Guilherme da Redempção, e que pretende commemorar a data—14 de Julho de 1889—com a liberdade de sua escravidão, cuja condição estende se até 1891, e a data—26 de Agosto de 1887,—com a liberdade de seu infeliz escravo sexagenario, sujeito a servicos até o fim do corrente anno.

Viva o sr. Guilherme da Redempção!

Morra o papão!

—Sr. redactor, essa historia de annos que sahe no seu jornal, tem aqui produzido um barulho dos diabos; pois ninguém quer fazer annos.

Pelo que observo, todos querem ficar moços, e annullar o tempo.

Por isso mesmo, sr. redactor, quem não gosta da liberdade e porisso é inimigo de sua patria, só cuidando de sua barriga, annos nelle, com chuva, sereno e sol, de dia, de noite, á madrugada e até dormindo.

Mogy, 17 de Agosto de 1887.

ANGELO ARISTIDES LOBO.

Cartas de Campinas

12 de Agosto de 87.

AS CONFERENCIAS DO «CLUB REPUBLICANO», OS REPUBLICANOS E O CRIME IMPUNE

Como sempre, são feitas ao domingo, no Club republicano desta cidade, as semanas e já fastidiosas conferencias de propaganda.

Eu não sei aonde os republicanos querem chegar com essas inúteis conferencias; é uma propaganda feita aos retratos que ornã as paredes do luxuoso salão do Club e a meia duzia de cidadãos, que constantemente alli vão fazer numeroe... tomar café.

Estes, pela constante assiduidade ás doutrinas de Mirabeau, ficaram tão doutrinados, que hoje cochilam pachorrontamente, enquanto o conferente exgota o seu latin, aos mosquitos que voam em torno á tribuna.

De que servem estas conferencias?

Eu queria que algum respondesse, mas ninguém o pôde fazer!

De nada servem e não servem mesmo de nada.

Não é pregando doutrinas de conveniencia; não é repetindo a historia da França e a queda da Bastilha, que havemos de mudar a situação actual e proclamar a republica.

Não, não é!

E' propagando sem medo e sem escrupulos de desgostar seja quem for, não no club aos assignantes, mas em todo o logar publico, como nos theatros, nos jardins e em todo o ponto de reunião que seja favoravel a insuflar no animo do publico, os santos principios da liberdade!

E' explicando e propagando pelas ruas aos operarios e a todos aquellos que não vão ao club; porque, embora lhes seja franqueada a entrada, não entram, esbarram á porta, acanhados...

Vêm alli tanto luxo... tantas senhoras luxuosamente vestidas e tantos pimpões indolentemente recostados, que elles dizem lá para si:—Não, não entro, alli não fico á vontade; raspo-me.

E de facto elles raspam-se, vão embora, porque todo aquelle luxo os atralha; e elles, aquelles que verdadeiramente precisam ser doutrinados, não traspõem o limiar do portal do «Club Republicano».

Além disso, elles não têm obrigação de lá ir; o que lhes importam os discursos pregados dentro do Club e discursos que elles não entendem? que proveito tiram de lá ir, sem que tenham consciencia do que vão fazer?

Proveito nenhum!

Não estão convenientemente preparados para comprehendêrem as somniferas conferencias, pregadas semanalmente no «Club Republicano», porquanto creanças ha que não têm consciencia do que são, quanto mais do que dizem.

Não estão preparados, porque ninguém os induz, os anima e explica qual a necessidade que têm de concorrer para a transformação do estado decadente do nosso paiz.

E' triste, mas é verdade.

As conferencias do «Club Republicano» não adaeantam nada, porque são sempre ouvidas por meia duzia de habitués, que o frequentam por simples distracção.

A maior parte dos republicanos, isto é, os verdadeiros republicanos, em logar de trabalharem pelas suas creanças politicas, estão meio retirados, por não admittirem a hypothese de ser-se republicano, não sendo-se abolicionista.

E' este o defeito quasi geral dos republicanos de Campinas; são republicanos por conveniencia e escravocratas por indole ou ambição.

Dizem-se republicanos ao lado do Zé-povinho, só com o unico fim de apanharem votos; se os apanham, apresentam-se taes quaes são e fazem parte da confraria dos mandões cá da terra.

Nós temos um vereador eleito pelo partido republicano, que já nos deu uma prova da sua extrema bondade e philanthropia, fazendo com que um dos seus escravos se apresentasse na cadeia, carregado de ferros e barbaramente siviado, pelas proprias mãos do sincero republicano.

Foi uma prova exuberante das suas creanças politicas de la liberté, égalité et fraternité.

E' indigno, mas é verdade.

São estes os republicanos, mandões e parentes de outros que taes, deante de quem não se pôde monosyllabár a palavra—abolição—sem correr o grave risco de ser espancado á ordem delles, por caboclos ou por praças da força publica, a qualquer hora e em qualquer logar.

A prova do que acima digo, é a infame aggressão de que foi victima o abolicionista Antonio Cruz, no largo da Matriz Nova, ás 7 horas da noite do dia 25 de Julho ultimo, por praças da força publica, sem que até agora houvesse protesto algum.

Antonio Cruz é digno de todo o apoio, porque advoga uma causa muito justa, muito santa; causa que todos os republicanos devem advogar e auxiliar aos que a advogam.

Antonio Cruz merecia que o partido republicano tomasse uma attitudo energica e protestasse contra essa aggressão, feita, não a Antonio Cruz, mas á santa causa da liberdade!

No entretanto, ninguém tomou a sua defeza, ninguém protestou, ninguém tratou de esclarecer da proveniencia de semelhante crime; sómente o independente, o verdadeiro jornal republicano, o Diario de Campinas, é que teve a coragem de apontar os criminosos e os cúmplices des nefando crime e reclamar providencias ás auctoridades.

Mas tudo em vão; as auctoridades superiores taparam os ouvidos ás queixas do Diario, e a auctoridade, a quem competia dar os primeiros passos, o delegado, comia e continúa a comer regaladamente o quinhão que por partilha lhe coube; não podia fazer mais do que encobrir o crime, em que foi comparsa.

Esse crime jaz em esquecimento, e, como o Diario de Campinas continúa quotidianamente a reclamar providencias os seus collegas da localidade, que só vivem do estomago e para o estomago, continuam na indifferença.

Esta posição é commoda e... até rendosa... mas edificadamente suja!

E' infame, mas é verdade.

Estes factos, em Campinas, são muito naturaes e... até de costume.

Não é para admirar!

Mais um crime impune!

Viva o delegado!

VERITAS.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Fazem annos, em Mogy das Cruzes, o Juca Lopes, e para variar o nome, o prete, vulgo, o Chico preto, fazendo annos primeiro o segundo depois o primeiro; se serena faz o primeiro; se chover faz o segundo, se ventar fazem os dois até que libertem seus escravos.

Fazem annos no mesmo logar, todos os escravocratas inclusive o chefe liberal até que forrem os escravos que tem em Mogy ou em Pirassununga.

Faz annos, no mesmo logar o Juca Franco, por ser escravocrata.

Faz annos, o capitão Mariano que vendeu para o Ortiz, os escravos estimados por seu Pae, ficando esperado para esclarecer a noticia que deu um jornal de ter seu Pae forrado todos os escravos com os competentes elogios funerarios.

Fazem annos, em Mogy, de noite, de dia, amanhecendo, serenando, os portuguezes capitães do matto, inclusive os que mataram o coronel João Camillo.

Faz annos, a gadelha do sendeiro Pererêca, ficando esperada a mesma para quando for cortada por algum caiphaz servindo de vassoura de latrina.

Faz annos, o Pererêca escravocrata, ficando esperada a mulata para fazer annos quando se fizer... era uma vez...

Faz annos, a queixada do Pererêca, até que algum caiphaz a arranque com um murro.

Fazem annos, em Caçapava atraz de pretos fugidos de onde trabalhã sem ganhar Theodoro Pereira da Silva, e Francisco Leite de Abreu, ficando esperado para fazer aqui se tiverem coragem de vir até cá tomar um cristal.

Em Porto Feliz, faz annos, o republicano Luiz Texeira da Fonseca, por tratar muito bem seus mizeros escravos, e especialmente o Lidraqua.

Faz annos, em Bragança, o João de Paiva, ficando esperado o seu irmão Joaquim de Paiva, para quando descobrir a arvore dos patacos sendo todos capitães do matto.

Faz annos, em S. Luiz do Parahytinga, toda a troça de escravocratas quer barões quer barõesinho por atacado e a varejo.

Fazem annos, no mesmo logar, os politicos que vivem dos concertos de estradas, quer o partido conservador esteja de cima quer de baixo.

Ficam esperados os escravos brancos de S. Luiz de Parahytinga.

Faz annos, em Bragança, o Chico Payão de olhos enfumaçados para ver as damas de seus serrallhos que são todas cor-de-fumaça. O capitão curto calvo e grosso que rbeu a filha de um Padre tambem faz annos.

Fica esperada em Bragança, a botina de camurça do coronel com cabello cor de camurça.

Faz annos, no Socorro o Padre Santo-Lauro Marciano.

Faz annos em Casa Branca, o tenente Ananias Joaquim Machado, ficando esperado o papo do mesmo para fazer annos, de hoje á oito dias.

Faz annos, em Tatuhy, o Presidente do Club Republicano, João Guedes em toda a sua altura inclusive o cavagnac por ter no RioFeio mandado surrar um pobre escravidado a bacalhau, ficando esperado o seu capicete phrigo por fazer annos em qualquer latrina desta Capital.

Em Tatuhy, faz mais o dr. Coriolano Dutra, por ter tido um pobre pretinho na cadeia.

Faz annos, o Manduca manducando a esperança de ser Barão e a espera que a creoula peitada que ficou n'esta Capital appareça por lá.

Fazem annos em Tatuhy, todos os escravocratas por não terem lvergonha.

Faz annos em Caçapava, com o seu respeitavel tronco o Tenente Coronel José Ramos.

Faz annos, n'esta Capital, vindo de Caçapava o Theodoro Pereira, valentão conhecido que segundo dizem vem declarar guerra aos abolicionistas.

Fazem annos, em S. José dos Campos, as auctoridades que se prestam a pegar pretos fugidos, ficando esperada a cartola do Arualdo, para quando fizer a cazaca.

Faz annos, em Caçapava, o Chico Salgado por ser inimigo da sua raça.

De Itu, reclama-se uma boa lista para annos.

De Taubaté ninguém faz annos por não termos lista.

E' bom o Zé Povinho saber que o Batista faz sempre annos.

Faz annos, em S. Sebastião, Fuão Ta-boão, por ter amarrado o ingenuo João e tomar uma coça de pão.

Faz annos, nesta capital, o Prates maluco por demittir empregados da companhia quando os julga abolicionistas.

Faz annos, em Santos, Antonio Martins do Amaral, que administra um sitio e serve de espa e capitão do matto a fazendeiros.

Cuidado com elle.

Faz annos, em Jacarehy, o parasita social capitão do matto, Chico careca e vagabundo s m domicilio certo, ficando esperado o dr. Cezario Ramos, quando vier a Jacarehy.

Faz annos o Manoel de Tal por ser pegador de pretos de Caçapava até que declare se recebeu dous mil réis.

Faz annos, em Jacarehy, o gaz ou Ramos vencido ficando esperado para quando conceitar.

Faz annos, o Totó administrador da fazenda do Parahyba, enquanto não se justificar do que fez no Socorro.

Faz annos, em Jundiáhy, José Dias de Oliveira Meira, administrador de fazenda e vendedor de negros, tendo ajudado o seu patrão na venda de seus irmãos.

SECÇÃO PARTICULAR

Piracicaba

(VER PARA CRER)

No dia 27 de Julho proximo passado, completaram 3 annos que foi creada a Sociedade R-creio de Piracicaba, pelos srs. Jeremias José Lopes de Siqueira, Antonio José de Almeida Rocha e Augusto Sáes; sendo a iniciativa do sr. Sáes, e não do barão do Sibão e padeiro mór; como elles se intitulam.

A verdade e a ingratidão.

IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados Clark & Comp.; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

Abolicionistas!

—Quando os defensores da fé christã cingiam as suas armaduras, para irem as margens do Cedron, conquistar os seus fôros ultrajados pelos inimigos da fé, levaram nas suas espadoas o symbolo da REDEMPCÃO!... E que symbolo era esse? Era sim!—A cruz vermelha, que tendo esta tingido-se com o valiosissimo sangue do Egregio Philosopho:

—O Philosopho por excellência! Martyr do Golgotha!... Cujã divisa era:—Liberdade, igualdade e fraternidade: o que elle resumiuas todas: na cavidade!

Assim nós: os abolicionistas de convicção.

Temos jubilos vehementes, para irmos conquistar a extincção da escravidão que ainda existe opprimida, pelos deshumanos imitadores da antiga era da escravidão no Egipto, em diversos pontos do Brazil!!!

Abolicionistas:—Avante, avante!...

Pois que: o provir é nosso... Caminhemos levando a mais robusta coragem: como distinctiva bandeira do soldado fiel a sua nação!

—Vamos, porque: não ha clarão mais luminoso, do que a virtude da legitima offrenda do proprio sangue em prol da muito desejada extincção do elemento servil no Imperio do Brazil! Itatiba, 11 de Agosto de 1887.

Um Abolicionista.

ANNUNCIOS

Drogaria Central

E' o primeiro estabelecimento de drogas da provincia.

Fornece aos srs. pharmaceuticos: drogas, utensilios, vasilhambas e tudo quanto é preciso para uma boa pharmacia, em condições tão boas ou MELHORES que na Corte.

Tem sempre grande deposito de ioduro de potassio, bromureto de potassio, sulphato de quinina etc.

Rua de S. Bento, 44

Martins, Labro & Comp.

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especialisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhora; BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter o annunciante feito grandes e vantajosa compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

A PRINCEZA DO NORTE

9--RUA DIREITA--9

ANTIGA MASCOTTE
DIAS LEAL & FILHOS

têm a subida honra de participar ao respeitavel e illustrado publico desta briosa capital, bem como às exmas. familias do interior, que abriram um importante estabelecimento de fazendas de lei e de phantasia, armarinho, modas, etc., etc.

Tudo novo! Magnifico! Deslumbrante!

A concurrencia de preços, bem como a especialidade rara no nosso **Enorme sortimento**, habilita-nos a vender qualquer artigo concernente ao nosso vasto negocio por menos do que poderá ser vendido em outra qualquer parte.

A PRINCEZA DO NORTE

é sem a menor contestação o estabelecimento mais importante no seu genero, nesta cidade; e, sendo já assás conhecidos os seus proprietarios, esperam merecer o valioso concurso das respeitabilissimas familias em geral.

GRANDE VARIÉDADE

do que ha de melhor em cretones, chitas, morins, brins, flanelas, chales, fichús, rendas, lãs, popelines, nanzoucks, botões, galões de phantasia, algodões colchas e cobertores. Desde o seu começo esta casa vae encetar o seu systema de vender por preços incriveis e inimitaveis !...

A PRINCEZA DO NORTE

ANTIGA MASCOTTE

QUASI EM FRENTE AO ZUAVO

9, RUA DIREITA

RUA DIREITA, 9

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-
semira franceza, for-
rada de seda la dernie-
re mode, sobretudos de
panno piloto, castor
e diagonal.

Cavours, ponches,
polainas impermea-
veis a 8\$000!! An-
derson Abotti, fabri-
cante em
Londres



Chales mantas, col-
letes de malha, cober-
tores para viagem,
calenços de seda e de lã
e muitos outros arti-
gos próprios para o
frio.

Costumes á mari-
nheira e de casemi-
ra, sobretudos, ca-
misas de meias, gra-
vatas, collarinhos pa-
ra crianças de 3 a
12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.